

27 JAN 1995

Congresso

VILLAS-BÔAS CORRÊA *

Num dos fugazes instantes de irritação e mau humor, que passam como fios de nuvem no céu da constante e risonha alegria presidencial, Fernando Henrique Cardoso cortou o jorro de recriminações aos aliados que o tangeram ao desconforto de vetar o aumento de salário mínimo, com a projeção otimista do futuro que se inaugura daqui a exatos 18 dias:

- O Congresso que votará as reformas não será o mesmo que aprovou a demagógica elevação do salário mínimo para R\$ 100.

Pelo visto, esperanças não frequentam apenas a cuca do presidente. Pois no mesmo dia de ~~vagações animosas sobre o~~ próximo Legislativo, o governador do Ceará, Tasso Jereissati, saiu da audiência com Fernando Henrique despejando sobre os repórteres as razões e justificativas de sua aposta no excelente relacionamento, em clima de compreensão e troca de sugestões, entre o governo e o Congresso.

Onde se escoraram tais róseos augúrios, que parecem contrariar a lógica e agredir a evidência? Inútil a tentativa de antever o comportamento do novo Congresso nas projeções sobre a composição das bancadas, seus índices de renovação, o inchaço ou o emagrecimento das legendas, as tendências ideológicas de senadores e deputados.

Tudo isso é exercício de futurologia que ajuda a desdobrar o raciocínio e sempre serve de muleta estatística para imprimir seriedade e verossimilhança às especulações.

Desconfio que sua valia é esca-
cassa. Acaba provando o óbvio e o sabido. Não é necessário ser do ramo, freqüentar e tornar-se especialista dos abomináveis espetáculos parlamentares, para saber, com a mais serena certeza, que o novo Congresso não é melhor do que o desmoralizado agonizante da mutreta inqualificável dos 15 salários. Pior, também, seria demais.

A renovação de 50%, pouco mais, pouco menos, não muda a cor do rebanho. Trocaram-se os nomes de alguns carneiros. A lã é a mesma; a mesmíssima ternura do mole coração para as próprias desditas e dos estremecidos familiares. A pobre carne, com sua fraqueza para os privilégios, o nepotismo, a malandragem, não muda de tessitura nem de gosto.

Por enquanto, portanto, nada mudou. Nem partidos, nem lideranças, nem o nível da representação. Nada como Congresso em fim de orgia, nos desatinos da última bacanal, sorvendo a gota derradeira do mandato aviltado. Muito diferente de um Congresso que se instala, no embalo da estreia, na ânsia de ocupar espaço,

Velho remoçado

JORNAL DO BRASIL

de afirmar-se, de garantir vaga na galeria da fama. Muda tudo.

Ao menos em tese, o presidente tem razão de confiar no novo Congresso. É sua chance de descontar o mês e meio desperdiçado no retraimento tático, evitando contatos com o Congresso apodrecido, nos estertores do impudor. E é a réstia de esperança no sombrio horizonte sujo da crise institucional.

O tresloucado moribundo, de morte anunciada com ansiosa certeza para daqui a três dias, não emporcalhou apenas a malsinada 49ª legislatura. Tantas e tais fez que os respingos da lama alcançaram a instituição, arrastando o Congresso — o Poder Legislativo — para a vala da desestima popular, da repugnada rejeição da maioria absoluta da sociedade.

As estripúias de mafiosos despertaram a indignação nacional. Nos paisanos e nos fardados. Pela primeira vez, desde a liquidação da Redentora, a significação do Parlamento — sua validade e importância para a preservação do regime democrático — está sendo abertamente questionada. Nas ruas e nos quartéis.

Claro que não estamos às vésperas de golpe. Deixemos de fricotes e de terrorismo. Nem há clima para isso. Nenhum golpismo se sustenta em governo empossado há menos de um mês e diante de presidente eleito por maioria absoluta no primeiro turno.

Mas é preocupante o índice de rejeição do Congresso, vulnerável à primeira pesquisa que defina o percentual da raiva e do nojo do povo.

A consciência da crise institu-

cional pode salvar o Congresso, com toda sua cota de mediocridade e apesar da herança pesada como carga de chumbo que lhe foi legada pela ganância imoral do velho desfrutável que se despede com desonra.

Afinal, as condições são favoráveis. O presidente Fernando Henrique necessita da parceria com o Congresso para viabilizar os compromissos de seu programa. O Congresso precisa, urgente e aforitivamente, reabilitar-se, estancar a galopante desmoralização do Legislativo. E de Congresso que se preze, que se dê ao respeito, moralizado e eficiente, todos nós precisamos.

Ruim com ele, pior sem ele. E, francamente, chega de ditadura.

* Repórter político do JORNAL DO BRASIL